

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

ETNO
GRAFIA
PORTU
GUESA

VOL. IX

Reimpressão fac-similada da edição de 1985

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

ETNOGRAFIA PORTUGUESA

OBRAS ETNOLÓGICAS DO MESMO AUTOR

ETNOLOGIA: forma os volumes v e vii dos *Opúsculos*, onde se reproduzem todos os trabalhos menores do autor, alguns deles inéditos.

Divide-se (esta colecção) em duas séries: série 1.^a, Época lusitana; série 2.^a, Época portuguesa.

HISTÓRIA DO MUSEU ETNOLÓGICO, 1915.

RELIGIÕES DA LUSITÂNIA, 3 volumes, 1897-1913.

ENSAIOS ETNOGRÁFICOS, 4 volumes, 1891-1910.

TRADIÇÕES POPULARES DE PORTUGAL, 1882.

POESIA AMOROSA DO POVO PORTUGUÊS, 1890.

SIGNUM SALOMONIS, 1918.

A BARBA EM PORTUGAL, 1925.

A FIGA, 1925.

ROMANCEIRO PORTUGUÊS, 2 volumes, 1958-1960.

CONTOS POPULARES E LENDAS, 2 volumes, 1964-1969.

TEATRO POPULAR PORTUGUÊS, vols. I (1976), II (1979) e III (1974).

CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUÊS, vols. I (1975) e II (1979).

Em preparação:

ETNOGRAFIA PORTUGUESA, vol. X.

CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUÊS, vol. III.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

ANUÁRIO DAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUESAS, 1 volume, 1882.

REVISTA LUSITANA, 38 volumes.

BOLETIM DE ETNOGRAFIA (publicação do Museu Etnológico), 5 números.

TENTAME DE SISTEMATIZAÇÃO

PELO

D.^{OR} J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOLUME IX

ORGANIZADO

POR

M. VIEGAS GUERREIRO

COM A COLABORAÇÃO

DE

ALDA DA SILVA SOROMENHO

E

PAULO CARATÃO SOROMENHO

PREFEÇÃO

DE

ORLANDO RIBEIRO



LISBOA * IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA * 1985

SAUDADE

deposta pelos seus companheiros de trabalho

na sepultura de

PAULO CARATÃO SOROMENHO,

que colaborou na elaboração desta obra do quinto ao décimo e último volume, com o maior escrúpulo em manejar os manuscritos leiteanos, lendo-os e ordenando-os de modo a promover o seu máximo aproveitamento. Se já não pôde ver impressos os últimos volumes, trabalhou até às páginas finais num labor empreendido por devoção ao Mestre, na modéstia e apagamento de quem serve a Ciência sem buscar proveito nem consagrações. A ele se deve ainda, juntamente com sua mulher, Alda da Silva Soromenho, a ordenação dos dois grossos volumes de *Contos e Lendas*, colectânea raramente igualada em qualquer língua. Materiais sobre que a Ciência de futuro poderá projectar novos conceitos sem desmerecer o labor gigantesco destes cabouqueiros.

Prefação

«Começou esta obra a redigir-se definitivamente, em Coimbra, em casa de uma saudosa e respeitável amiga, D. Maria da Silva Botinas (onde costumava passar às vezes as férias menores), no primeiro dia do ano de 1928. Apesar do vagar da impressão, devido ao tamanho do plano, cá vai caminhando!»

Estas linhas, onde transluz talvez o derradeiro lampejo de esperança, escreveu-as José Leite de Vasconcellos a 7 de Abril de 1941, dez dias antes do seu passamento. A «saudosa e respeitável amiga», segundo informações que colhi em Coimbra há mais de meio século, era proprietária de uma casa de hóspedes familiar e económica, onde José Leite, que aborrecia o luxo e os seus supérfluos, tanto gostava de hospedar-se, variando apenas a austeridade de sua casa. Disseram-me que era uma mulher capaz de tudo, exagerando a afeição que o hóspede grave, célebre e em extremo cortês lhe podia ter inspirado. Carteava-se com ela e uma vez, para poupar os olhos, ditou-me um postal, para poupar a estampilha de uma carta. O tom era afectuoso, vago e alusivo e, com uma ponta de sorna tão visível que quase nos tocava de ternura, José Leite disse: «Só essa minha amiga e eu somos capazes de compreender o que qual-

quer poderá ler.» Começar a redigir a *Etnografia* no 1.º do ano e numa casa de hóspedes deve ter-lhe dado uma profunda alegria: é de crer que «a saudosa e respeitável amiga» o tenha estimulado num propósito longamente amadurecido. A afeição, que tanto se diz inspirar poetas, pode ser uma clara divindade propiciando igualmente o trabalho científico.

Contados dia por dia da data que evocam, transcorreram 57 anos desde o início de uma das mais poderosas arquiteturas do pensamento científico de qualquer época e de qualquer país. Ocupado com a «grande aspiração da sua vida», empreendeu-a, com a colaboração solicitada ou espontânea de amigos, conhecidos ou apenas leitores de ocasião — todos seus admiradores incondicionais, não raro entusiastas e devotados, dando o seu a seu dono por alto espírito que sempre o animou —, desde gloriosos colegas aos mais humildes analfabetos, homens e mulheres, sabem todos como está próximo do aproveitamento e da exaustão o filão vastíssimo onde se registaram textos vários, umas vezes transcritos com o seu apurado critério filológico, que chega às formas dialectais e à transcrição fonética que não tem correspondência na língua corrente, outros copiados ou ouvidos com certa margem de dúvida, finalmente ditados, pois na velhice da sua cansada vista Leite recorria muito ao auxílio estranho e, no seu espólio, cada vez rareiam mais os autógrafos.

Existe aqui uma tal riqueza de formas, desde as variedades mais autênticas até às «interpretações» que o povo dá ao que ouve, ou julga ouvir, que a linguística moderna, com os recursos da informática e de tratamento automático de dados, terá aqui muito com que se ocupar. Às vezes, com a idade e o aumento de conhecimentos e de reflexão crítica sobre eles, o próprio Mestre hesitou e será de grande importância saber porque se decidiu ou abandonou certas for-

mas. Neste sentido, Leite realizou completamente o seu propósito de notar a expressão de ideias e de affectos, desde a Idade Média até ao que ele próprio viu transformar-se no decurso da sua infância provinciana à provecta e vigilante velhice, sempre de ouvido atento aos outros frequentadores da botica de Campolide, à genuína maneira provinciana, ou aos que ocasionalmente surpreendia ou interrogava, passando logo a cadernos o que acabava de recolher. Em Tolosa (concelho de Nisa), aldeia do Alto Alentejo, onde tinha parentela, comentavam os campónios sem malícia: «Cala-te ou vais para o papel!» Quando no Entrudo a troça levava a imitar as pessoas de costumes extravagantes, houve um engraçado que se mascarou de Doutor Leites (este plural do apelido é vulgar na região), e com um porrete na mão perguntava o nome que lá lhe davam: «E se fosse mais curto? E se fosse mais comprido?»

Contava-se que numa dura discussão travada no Conselho da Faculdade de Letras com um colega irrequieto, este lhe respondeu: «Quem não se sente, não é filho de boa gente!» E logo Leite, sacando do caderno: «Ó Manuel, isso diz-se na tua terra e tens notícia de outros lugares?» Gargalhada geral e o pronto entendimento entre dois homens assomadiços mas bondosos.

Um crítico de escada abaixo, talvez porque o professor Leite de Vasconcellos visse nele a limitada inteligência em vez do génio que supunha possuir, escreveu uma desastrosa e incompreensível notícia necrológica, deplorando que o autor se dispersasse por matérias estranhas à Filologia e não nos deixasse uma *Gramática Histórica*, uma *História da Língua*, um *Dicionário Etimológico*. Na *Vida e Obras*, escrito em poucos dias e com a maior contensão, pois memorava um Sábio e um Amigo incomparável, relatei de passo o dislate sem aludir ao autor. Paiva Boléo, com

o seu implacável espírito de justiça e a coragem de afirmá-lo, teve a generosidade de pôr em confronto a minha compreensão integrada da obra do Mestre e a crítica vesga que a outra «celebridade» lhe fizera.

Quando minha mulher e colega Suzanne Daveau resolveu deixar os prados e bosques jurassianos e as adustas mas atraentes paisagens da Mauritània, a que os Portugueses foram os primeiros a compreender e descrever a originalidade, iniciando-se comigo nas leituras dos fundamentos da Geografia de Portugal, expliquei-lhe, por um símile, que Leite de Vasconcellos fora ao mesmo tempo o arqueólogo Déchelette, o arguto comentador de textos medievais Gaston Paris, o etimologista Antoine Thomas, o filólogo Vandries, que passava por o maior celticista e helenista do seu tempo, S. Reinach, o operoso organizador do magnífico Museu de Antiguidades Nacionais, em Saint-Germain-en-Laye, nos arredores de Paris, para só citar alguns que foram seus mestres ou condiscípulos — e naturalmente amigos indefectíveis! —, e ainda o numismata Babelon. Tive de procurar, fora da França, o grande Mestre e impulsionador do estudo dos crioulos e outras formas de expressão, influência e receptividade ou outros processos de relação entre línguas europeias, quando na África, na Ásia e na América entraram em contacto, por comércio e proselitismo, com os falares locais, H. Schuchardt, da Universidade austríaca de Gratz, que, com a maior generosidade, animou Leite, oferecendo-lhe a hospitalidade de sua casa. Surpreendeu Suzanne Daveau que, neste estranho país, se pudesse ser «especialista» de coisas de tal disparidade; mas, quando das suas pesquisas de geografia regional, de evolução do povoamento e de organização dos territórios antigos, com seus centros e caminhos, partilhou sem reservas a minha admiração pelo poço sem fundo de um erudito de tal quilate que é, ao mesmo tempo,

largamente dotado de espírito original e sintético. E, no entanto, um notável especialista francês de história agrária portuguesa arruma a *Etnografia* como uma obra «qui manque d'envergure», o mesmo não se podendo dizer da sua excelente mas desmedida tese. Quanto a Sébillot, Saintives e Van Gennep, cuidadosamente mantidos no seu campo de folclore, e estranhos à Universidade, nenhum alcançou a envergadura de Leite, ainda que o último desenvolvesse a noção fecunda dos «ritos de passagem». Claude Lévi-Strauss, celebridade de momento, aceitando o estruturalismo como um dogma, revela, como autores ingleses e norte-americanos muito em voga, aspectos obscuros e perigosamente sistemáticos, envoltos na vaga nebulosidade de teorias filosóficas e cerrados num vocabulário pedante que nunca podia ter atraído o vigoroso e claro espírito de Leite de Vasconcellos — embora a Antropologia Cultural (desintegrada da sua base física) predomine no ensino e se distinga por um chorrilho de produção livresca onde o conhecimento da longa tradição dos estudos destas matérias entre nós, a de um dos maiores etnólogos do seu tempo e o acervo de material reunido sejam tratados com uma filáucia e pedantice que são o inverso do claro exemplo leiteano, de amplo, informado e estruturado pensamento científico da mais alta envergadura.

Leite de Vasconcellos deixou uma escola de Etnologia. Se João da Silva Correia, Abílio Roseira e Cláudio Basto faleceram prematuramente, Manuel Viegas Guerreiro pôde levar a bom termo a *Etnografia Portuguesa*, de que já se encontra largamente impresso o x e último volume, graças à colaboração imprescindível de Alda e Paulo Caratão Soro-menho. Os volumes suplementares de literatura oral foram reunidos por estes e mais sete discípulos, dois dos quais não no conheceram. Algo de Etnografia leiteana tem aparecido

na nova série da *Revista Lusitana*, que é de esperar se mantenha fiel ao espírito da «já velha e gloriosa» (Rodrigues Lapa) que a precedeu. Influi ainda na renovação da Arqueologia portuguesa, por meio de um grupo coordenado e competente de jovens especialistas que estão salvando do marasmo em que afundou o Museu Etnológico o mais lamentável aluno de Leite de Vasconcellos, que teve como escopo apoucar o esforço do Mestre e, durante quase duas dezenas de anos, impedir a publicação das obras em que, como testamenteiro, lhe cabia a parte principal de execução. Por estranho que pareça, há pessoas de tal modo negativas que, só por desaparecerem, podem fazer ressurgir o sector da ciência a que entravavam a marcha. Quanto a todos os que em Portugal e nos países irmãos foram, e nunca poderão deixar de ser, seus discípulos e continuadores, basta citar o seu aluno universitário Baltasar Lopes da Silva, autor de uma magnífica tese sobre *O Crioulo de Cabo Verde*, consagrada *honoris causa* quando o devia ter sido no *curriculum* académico, e os grandes e belos livros que Antenor Nascen-tes e Serafim da Silva Neto, que com ele se carteavam mas sem conhecê-lo pessoalmente, dedicaram à sua memória. Esta é apenas olvidada numa *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, embora se citem, muito sumariamente, algumas das suas contribuições fundamentais.

Quis o acaso que o meu estudozinho «Vida e Obra de José Leite de Vasconcellos», publicado numa revista portuguesa de pouca expansão e reimpresso numa publicação oficial quase sem difusão, chegasse à mão de dois jornalistas e homens de letras com quem tenho estreitado grato convívio. Surpreendeu-os o aspecto humano e a grandeza interior de Leite de Vasconcellos, tão raras vezes citado nas selectas, poucas nas bibliografias de informação e acerca de quem talvez valesse a pena difundir o meu opúsculo e, principalmente, fa-

zer o que os discípulos fizeram para Hugo Schuchardt, um *Vademecum* das suas páginas mais acabadas, mais conducentes à reflexão e à actualidade dos métodos onde uma ciência, que recentemente mudou de nome, de Filologia para Linguística (também se disse Glótica), e se está escrevendo com abundância de símbolos e num vocabulário hermético e inacessível que, às vezes, ao profano até parece de duvidosa correcção de linguagem — até onde consegue entendê-la! Creio que é Manuel de Paiva Boléo, com a sua *Revista Portuguesa de Filologia* (desde 1947), e os discípulos que tem sabido reunir, quem mantém mais vivo o facho da tradição leiteana, de que o Centro de Estudos Linguísticos da Universidade de Lisboa cada vez parece mais afastar-se.

Dois volumes indicados entre os suplementares apareceram no corpo da obra, não só por fazerem parte integrante dela mas por não possuírem a forma «leiteana», embora oralmente transmitida, do *Romanceiro*, *Cancioneiro*, *Contos e Lendas*, *Teatro Popular* (este às vezes com um *casco* escrito e trabalhosamente aprendido de cor): *Calendário*, *Superstições e Crendices*. O primeiro dá o ritmo tanto à vida material como aos folguedos e crenças e crendices ligados à religião e ao sobrenatural; o segundo, por constituir uma das partes mais ricas das tradições populares, embora intimamente ligado com as *Entidades Míticas*, já coligidas num volume de insuspeitada riqueza de material, pois com essas entidades se confunde o mundo de coisas em que se acredita, umas anunciando actos propícios, outras maléficos, que é necessário conjurar. Repetições e perplexidades que, na apresentação do plano conhecido por «bandeira» e nas obras escritas e reunidas nos *Opúsculos*, v e vii, se entrevêem claramente. Aqui mais uma vez se seguiu o desejo do Mestre, publicando os materiais segundo certa ordem (às vezes a alfabética,

como no volume das *Entidades Míticas* e em parte do actual — *Superstições, Amuletos, Cerimónias, Ritos e Usos da Religião Popular* (entrelaçado com o *Calendário*), sem se deixar mortificar por um rigor e rigidez que é impossível fixar em coisas estreitamente conexas. Sobre *Círios* que considerava típicos da Estremadura começou a publicar extensos materiais na *Revista Lusitana*, t. xxx, 1932, e aqui apenas faz breves alusões. Para o leitor ter ideia de como as obras póstumas de Leite de Vasconcellos foram enriquecidas pelos que tomaram a peito divulgá-las, comparem-se as magras indicações do presente volume com as introduções e notas de A. Machado Guerreiro nos três tomos de *Teatro Popular*, onde há muito da sua colheita. Todos os que trabalhámos com o Mestre — e estas tarefas póstumas não são mais do que o prolongamento do seu convívio pelo que há de imorredouro na vida do Espírito — alguma coisa trouxemos à sua própria obra. A cada passo os organizadores dos volumes introduzem casos, episódios, crenças e costumeiras da sua vida provinciana ou da experiência nos bairros populares de Lisboa. Seja-me permitido lembrar com intensa emoção um grupo de simpáticas moças de Ifanes que, num moinho no fundo da imponente garganta do Douro (hoje debaixo das águas da barragem), cantavam, com vozes puras e entoadas, *cantigas de segada*, de que colhi umas quantas que figuram com o meu nome no *Romanceiro*.

Miranda do Douro, com uma das mais confortáveis e tranquilas pousadas turísticas, é hoje uma cidade que extravasou das apertadas muralhas, pela maior parte conservadas, de casario baixo esmagado pela imponência da Sé («a Sé está aqui, a sacristia em Bragança»), dito que ascende talvez à transferência do bispado depois da explosão dos paióis de pólvora da fortaleza fronteiriça em 1762); é uma cidadezinha escrupulosamente limpa, com uma câmara antiga com

arcadas (ao gosto espanhol) num larguinho com um palácio e um café, onde se juntam à porta tomando o sol — quando o há — os velhos de um asilo que recolhe os que não têm quem cuide deles nas aldeias próximas, falando mirandês entre si ou a quem lho peça — pois o falar «charro» é apenas «do lar e do adro» e com os estranhos se fala «grave», isto é, português. O Dr. Manuel Mourinho, antiquário e etnógrafo local, que com tanto entusiasmo criou e animou o grupo de pauliteiros da sua freguesia de Duas Igrejas — que se exibiram em Portugal e no estrangeiro ganhando um prémio internacional na Alemanha — está organizando um museu com todas as antigualhas e curiosidades locais. Uma rua de quintais floridos recorda o Abade de Baçal, incomparável erudito braganção, que nunca deixou a ampla casa de grande pátio da sua modesta paróquia — preito merecido, só havendo a deplorar dar nomes novos às ruas das velhas cidades. Mas quem «descobriu» e ilustrou o dialecto mirandês, estudando tantos aspectos da minúscula cidade, merecia, no larguinho da Câmara ou no vasto adro da Sé, um busto que lembrasse aquele «estudante», que por várias vezes veio do Porto, em diligências desconfortáveis ou a lombo de mula à torreira de um sol implacável, «aprender a nuossa lhengua».

Deste único lugar que dista mais de 200 km do litoral e 500 km de Lisboa, bem no alto do Portugal velho, onde sem dúvida se mantêm intactas muitas das tradições que José Leite aqui recolheu há um século, nas pedras velhas e nas caras cortadas à podoa e curtidas pelo sol das segadas e malhadas (os novos usam o tractor e a malhadeira), é talvez onde se evoca com maior emoção um passado que o presente desfigura sem completamente o apagar. O passado que os dez volumes da *Etnografia* evocam e, quase coroada a obra, me levam a falar mais longamente do seu des-

coridor, evocador e inultrapassável cronista. Na «Prefação» do volume seguinte duas palavras bastarão para lhe anunciar o remate. Serei eu, fiel discípulo leiteano, que sempre cultivei a Geografia conjuntamente com a História e a Etnologia (para mim mais atraentes que os espectaculares e desenhados êxitos e fracassos da Economia, raras vezes exprimidos com clareza e muitas outras desmentidos perante as previsões dos seus mais famosos «profetas»), serei eu capaz de tentar aquela *Súmula ou Síntese Etnográfica*, por que José Leite de Vasconcellos pretendia rematar a obra, sem que jamais deixasse claro o seu pensamento?! Este é preciso desentranhá-lo dos próprios volumes, das conclusões e remates provisórios, de uma visão de conjunto que é necessário exumar do acúmulo de materiais. Desde já vou meter mãos à obra, posto que o último tomo está pela maior parte impresso: mas pode bem suceder que o destino me impeça de realizá-la.

Vale de Lobos, Janeiro de 1985.

ORLANDO RIBEIRO